

**O ENSINO DO PORTUGUÊS COMO INSTRUMENTO
DE DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO:
um exemplo em Macau**

*Carlos Ascenso André
Instituto Politécnico de Macau
e Universidade de Coimbra*

Resumo

Na última década, o ensino do Português na China conheceu uma verdadeira “explosão”: de seis universidades há oito anos atrás, o Português é hoje ensinado em vinte e seis. De duas ou três centenas de estudantes, passou-se a mil e quinhentos. De vinte docentes, passou-se a cem. E o crescimento continua. Se juntarmos Macau, estes números aumentam exponencialmente.

Macau ocupa lugar privilegiado num espaço geográfico onde o Português tem história e características peculiares (a Ásia, desde Timor até à Índia, ou seja, todo o espaço que vai de Moçambique para Oriente).

Foi a pensar nisso que o Instituto Politécnico de Macau concebeu e desenhou o Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa. O projecto passa pela aposta em recursos humanos qualificados e pelo investimento claro na cooperação. Os objectivos são: promover investigação na área do ensino do Português como Língua Estrangeira a falantes chineses e publicá-la, investir na elaboração de materiais pedagógicos, constituir-se como motor (ou “pivot”) no desenvolvimento do ensino do Português e na formação de docentes, não apenas no que toca à China, mas a toda a Ásia.

Ora, o interesse dos países asiáticos no ensino do Português tem sobretudo a ver com o desenvolvimento de relações económicas com os países lusófonos. O que significa que, desta forma, Macau, com o IPM, está a assumir o papel de ponte no diálogo entre a Ásia e a lusofonia e de interlocutor privilegiado desta junto das universidades da China.

Ou seja, o Português, como língua, mas também como domínio científico e pedagógico, assume, assim, a dimensão de um precioso instrumento ao serviço de projectos de desenvolvimento e de cooperação.

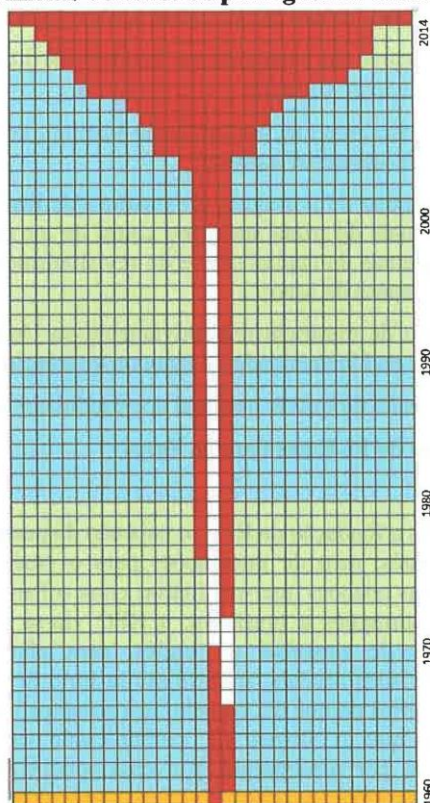
Texto

Eram três há meia dúzia de anos. Hoje são vinte e seis. Eram... dez? doze? há uma dúzia de anos. Hoje são perto de cem. Estavam em três cidades há uma dúzia de anos. Hoje estão em quase duas dezenas e ocupam uma mancha considerável no gigantesco território.

Expliquemo-nos. Estamos a falar do ensino do Português na China. Um fenómeno e uma realidade que, sem serem recentes, são-no, de facto, na dimensão que, entretanto, adquiriram. Os números acabados de referir traduzem-se assim: há uma dúzia de anos, mais concretamente no começo do presente milénio, eram três (depois seis) as universidades chinesas que ensinavam português. Hoje são vinte e seis, com forte tendência para aumentar. Há uma dúzia de anos, eram dez a doze os docentes que nelas ensinavam português. Hoje, são quase cem, entre chineses, portugueses, brasileiros, sobretudo. Há uma dúzia de anos, ensinava-se português em Pequim e Xangai. Hoje, ensina-se em Pequim, Xangai, Guangzhou, Zhuhai, Nanqin, Hangzhou, Dalian, Harbin, Xi'An, Tianjin, Hebei, Chengdu....

Do ponto de vista do número, a imagem concebida pelo Professor Li Changsen ou James Li, com vasta experiência como professor de Português na China, mas também como jornalista e como obreiro importante em projectos de cooperação entre a China e países lusófonos, antes e depois de 1974, é uma imagem sugestiva. Chamou ele a este crescimento “erupção vulcânica”, uma designação feliz que só o seu coração de poeta podia ter concebido. E exprimiu-a visualmente desta forma:

O desenvolvimento do curso de português na China desde 1960



A mancha estende-se litoral fora, de sul a norte (Zhuhai a Dalian) e penetra no interior, até Pequim ou, do outro lado do território, até Chengdu, na província de Sichuan, ali, no sopé, quase, do Tibet.

Vejamos o mapa:



Se olharmos na perspectiva dos estudantes, este crescimento é, ainda, mais espantoso. Haveria, quando muito, duas ou três centenas de estudantes de português no final da década de noventa do século passado. Hoje, esse número andar­á pelos mil e quinhentos, com tendência a crescer para perto dos dois mil.

E esta descrição, como é bom de ver, não inclui Macau. Com Macau, todos estes dados sofrem um aumento exponencial. Os docentes passam a ser mais de cento e cinquenta, os estudantes mais de dois mil.

No final desta década, a China continental terá atingido os cento e vinte e cinco docentes de português e os quase dois mil estudantes, número que passará a duzentos docentes, se incluirmos Macau, e um número dificilmente

previsível de estudantes, porque, em Macau, estuda-se português em todos os níveis de ensino e em cursos de formação de múltipla natureza.

Perguntar-se-á porque se trazem aqui estes números, a um Fórum que, em princípio, respeita, apenas, a países de expressão oficial portuguesa, o que não é, manifestamente, o caso da grande China. Adiante se perceberá.

Antes disso, porém, convirá compreendermos uma outra realidade, que tem a ver com a localização geográfica de Macau e o seu posicionamento estratégico; no espaço, mas também, como se compreenderá, no tempo.

No tempo, desde logo.

Chegados a Macau na primeira metade do século XVI, os Portugueses foram, progressivamente, transformando o território num verdadeiro entreposto comercial entre o Ocidente e o Oriente. Confinados, primeiro, às suas embarcações, a partir das quais se fazia o comércio das mercadorias de parte a parte, os Chineses, com o passar dos tempos, consentiram aos Portugueses ocuparem um determinado espaço na península, para aí se estabelecerem. Assim se passaram os anos e, depois, os séculos. Assim decorreram já quase cinco séculos de convívio e de diálogo, durante os quais a identidade cultural se veio afirmando na sua especificidade que resulta, talvez como em nenhum outro lugar, do verdadeiro sentido do encontro de culturas.

Mas também no espaço; ou, talvez, principalmente, no espaço. Situada em um dos lados da embocadura, se assim pode chamar-se, do delta do Rio das Pérolas, com Hong Kong do outro lado, a cidade de Macau possui uma posição privilegiada na China e, mesmo, na Ásia; na região que vai de Timor até à Índia, isto é, o território que se estende de Moçambique para Oriente. Basta olhar o mapa para se perceber a importância estratégica dessa posição, que lhe permite servir de ponte entre as grandes cidades metrópoles da China e o resto da Ásia e o ocidente. Não diferente de Hong Kong, em boa verdade; mas o que importa aqui é o Português – e em Hong Kong não se fala a nossa língua. Se juntarmos as duas condições, ou seja, a herança histórica de Macau, que lhe confere traços muito específicos e fazem deste lugar uma encruzilhada de culturas, e a sua posição geográfica, rapidamente concluiremos que, melhor do que nenhum outro território, Macau pode ser uma peça essencial no diálogo, cada vez mais crescente, entre a China e o mundo lusófono.

Porque esse diálogo existe, é uma realidade cada vez mais activa e cada vez mais sentida no quotidiano político, social, económico, dos países de língua portuguesa, em especial Moçambique, Angola, Brasil, Portugal. Multiplicam-se os investimentos chineses nestes países – e não só nestes – e sucedem-se as acções de cooperação. Depois de décadas de razoável isolamento, sente-se, nas capitais de todos estes países e fora delas, a presença da China, actuante, eficaz, persistente. Nesse diálogo, como em todos, a comunicação é instrumento essencial. É isso que leva à enorme procura do Português nas universidades da grande China; para dotar este processo de interlocutores, de tradutores, de recursos humanos que possam servir de intermediários no processo de comunicação essencial a qualquer diálogo social, cultural, político, económico ou de qualquer outra natureza.

Foi por isso, por estar atento a esta realidade e a tudo quanto ela significa, representa e exige, que o Instituto Politécnico de Macau criou, em 2012, o Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa. Os objectivos são claros e foram definidos no momento da criação do Centro pelo Presidente do Instituto:

- desenvolver estudos e investigações sobre a língua portuguesa e as culturas dos países lusófonos;
- realizar acções de formação na área da língua portuguesa, especialmente destinadas a docentes;
- reforçar, através de iniciativas diversificadas, o intercâmbio cultural com os países lusófonos;
- promover a edição de publicações relacionadas com o seu domínio de actividade.

Encaremos a realidade. O crescimento súbito e exponencial do ensino do Português em universidades chinesas levou a procurar soluções de recurso. O sistema, de facto, não estava preparado para responder a este nível de procura. Respondeu, por isso, com os recursos que tinha disponíveis: recém-licenciados, sem preparação específica na área do ensino do português como língua estrangeira e língua segunda. São eles próprios que o dizem, em resposta a um inquérito feito em 2013 e repetido em 2014 por este Centro do IPM. Afirmam necessitar de formação mais aprofundada, para responder aos desafios com que o quotidiano das suas funções docentes os confronta.

Precisam, além disso, de materiais, dizem. Aqueles de que dispõem são escassos e não estão concebidos para a realidade chinesa. Porque, é importante sublinhá-lo, se o ensino do português a falantes de língua materna chinesa tem especificidades muito próprias, em razão da estrutura da língua, da elaboração semântica, da forma como a língua recorta o real, para usar uma expressão saussuriana, esse mesmo ensino aos mesmos falantes quando eles se encontram imersos no contexto da sua língua materna mais exigências requer. Não o compreender é o primeiro passo para o fracasso.

Isso vale por dizer que materiais concebidos em Portugal ou em qualquer outro país de língua portuguesa e feitos a partir das experiências de ensino do português a estrangeiros vividas em Portugal ou num desses outros países lusófonos não respondem cabalmente às necessidades, por não terem presente a realidade onde vão ser utilizados; mais do que isso, por, na maioria dos casos, serem concebidos sem a mínima consciência dessa outra realidade, tão distinta, tão longínqua.

De tudo isto começa a fazer-se o dia a dia do Centro Pedagógico e Científico da Língua portuguesa: acções de formação, na China ou em Macau, apoio online, em portal expressamente desenhado para esse efeito, contactos regulares com as universidades chinesas nessas mesmas universidades, produção de materiais, investigação.

Que tem isto a ver com a cooperação que é, afinal, aquilo de que trata um Fórum de Cooperação que envolve universidades de língua portuguesa? Tem muito mais a ver do que parece.

A verdade é que os nossos formandos e os formandos dos nossos formandos serão, amanhã, quando não são já hoje, instrumentos indispensáveis em múltiplos projectos de cooperação, muitos que conhecemos e muitos que nem sequer sabemos que existem, para não dizer muitos mais que ainda hão-de surgir e que, por vezes, a nossa imaginação, por arrojada que seja, não é capaz de antecipar.

Um exemplo, entre muitos outros: há ano e meio, uma delegação do IPM, que integrava o seu próprio Presidente e professores ligados ao Português, visitou a universidade de Shiheze, uma cidade bem no noroeste da China, quase perdida no limiar do deserto de Gobi, com vizinhos asiáticos que dão pelo nome

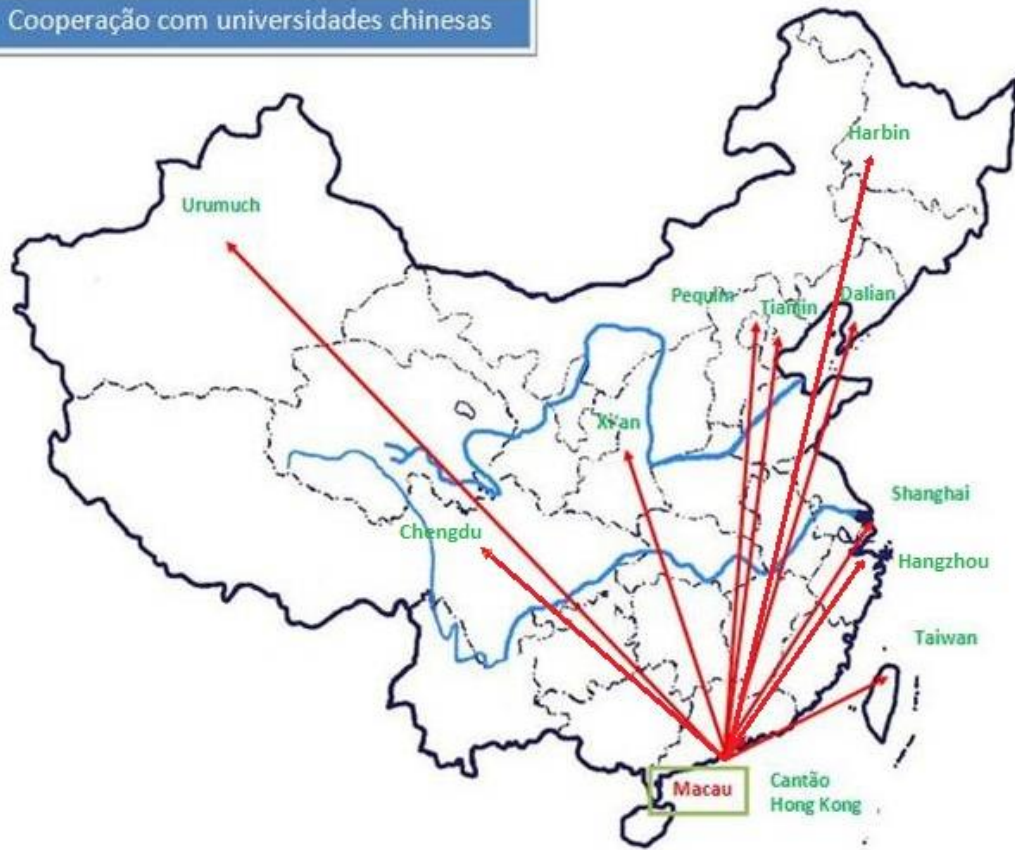
de Uzbequistão, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Rússia, entre outros, tamanha é a vastidão daquele deserto. É uma cidade autónoma, concebida para e pelo exército, nos tempos em que a China sentia necessidade de proteger todas as suas fronteiras, e ainda hoje organizada em função da natureza militar que lhe está na génese. Encontrou aí essa delegação uma comitiva de Angola; eram quadros superiores da agricultura angolana, que ali recebiam formação, no âmbito de um projecto de cooperação com o seu país, para, depois, a ele regressarem e trabalharem nessa área, em estreita articulação com a mesma entidade chinesa que ali os tinha levado. Estava com eles um ex-aluno do IPM, que os acompanhava em todos os minutos da vida quotidiana, na formação e trabalho e bem assim nas horas de repouso ou de lazer: mais que um tradutor, era também um verdadeiro elo de ligação com a comunidade de acolhimento; era para isso que tinha sido contratado e era pago; e confidenciou ser melhor pago do que muitos antigos colegas.

É um exemplo; a par dele, há os que foram para o jornalismo, para a diplomacia, para o mundo empresarial. E os que continuam a ir. Não são os obreiros da cooperação entre a China e os países lusófonos. Não são, de facto. Mas são peças indispensáveis nessa cooperação. Sem eles ou elas, talvez a cooperação continuasse a fazer-se, a acontecer; mas não teria, seguramente, o mesmo sucesso.

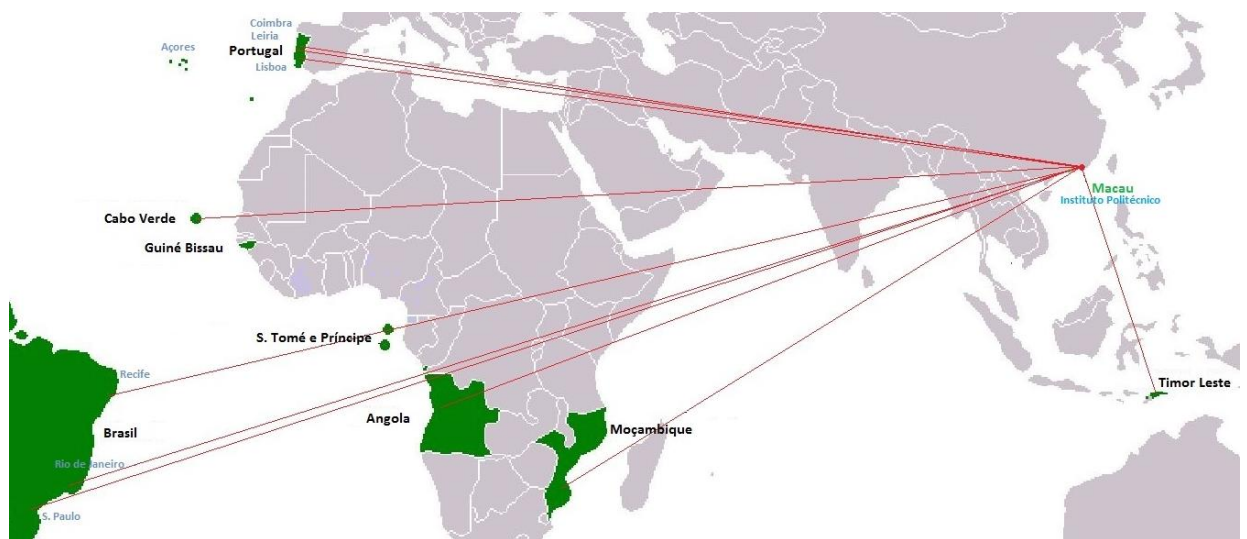
Este é, afinal, o projecto que o IPM concebeu, desenhou e está a desenvolver. Na sua essência é um projecto de cooperação, de fronteiras muito vastas. Nele cabem as instituições de ensino superior da China, onde, como se viu, o ensino do Português está em exponencial crescimento, mas cabem, também, as instituições de ensino superior dos países de expressão lusófona, qualquer que seja o continente onde se situem; todos eles são ou serão, no fim de contas, parceiros, uns directamente, outros indirectamente, deste processo de cooperação multimodo e a larga escala.

É um diálogo que funciona em duas direcções: com a China, com as instituições com as quais o IPM já mantém estreita relação e que podem ver-se no mapa seguinte:

Cooperação com universidades chinesas



E com os países da lusofonia, com os quais o mesmo IPM também já vem aprofundando, desde há muito, um diálogo mais ou menos regular, por vezes, mesmo, intenso:



No fundo, estamos a falar de uma actividade científica e pedagógica, porque o é, ao serviço da cooperação entre todos nós. Porque, bem vistas as coisas, temos de pensar a cooperação, mesmo aquela que tem como laços identitários uma história com percursos comuns e uma língua que nos irmana, temos de pensar a cooperação, repita-se, como um processo com fronteiras muito mais vastas do que aquelas que cabem nas fronteiras, já de si alargadas e vastas, da língua que nos une. Nesse processo e num dos seus domínios, pois muitos são eles, o IPM assume, como prioridade estratégica, a sua função de ponte.